



COLEÇÃO ESTRELAS DA LITERATURA JUVENIL



MORRIS GLEITZMAN

• AUTOR MULTIPREMIADO •



Talvez



Para fãs de
*O Diário
de Anne Frank*
e *O Rapaz
do Pijama
às Riscas*



*Para todas as crianças
que sonharam com um lugar seguro.*

E para todos os países que o proporcionaram.

Talvez não aconteça.

Talvez fique tudo bem.

Talvez eu devesse parar de pensar nas coisas más e concentrar-me nas coisas boas.

Como esta bela paisagem campestre por onde caminhamos. Pássaros a chilrear e borboletas a esvoaçar, sem que sejam atingidos por nenhuma explosão.

E esta poeira na estrada. É uma excelente poeira. É macia sob as nossas botas. Suaviza o caminho às rodas da nossa carroça. Esta é a melhor coisa que se pode pedir quando se tem uma mulher grávida dentro da carroça. E outra pessoa a caminhar ao nosso lado que já tem quase 40 anos e pés magoados.

Mas a minha coisa preferida é esta brisa de primavera, morna e perfumada. De todos os anos em que estive vivo, 1946 é sem dúvida o melhor ano de brisas perfumadas. Acho que é por não haver tantos cadáveres espalhados.

Por enquanto.

— Felix — pergunta o Gabriek —, doem-te as pernas? Mesmo com os óculos empoeirados, consigo perceber o seu olhar preocupado. Ele sabe que por vezes tenho problemas com as minhas pernas, e já estamos a caminhar há vários dias.

— Estão bem, obrigado — respondo.

Na verdade, estão um pouco doridas, mas aposto que as do Gabriek também estão, e as do *Henk*, o nosso burro, também. Por isso não vou queixar-me das minhas.

— Ótimo — diz o Gabriek. — Nesse caso, deixa lá essa cara de enterro e anima-te.

Faço-lhe um olhar indignado.

Será que não se nota o esforço que estou a fazer para não parecer preocupado?

— Alegra-te, Felix — diz a Anya, da carroça. — Estás com uma cara carrancuda de nazi.

Também olho indignado para ela. Abro a boca para lhes falar da brisa perfumada e da poeira macia. Mas, por alguma razão, as palavras ficam presas e não me saem.

— Estás a fazê-lo outra vez, não estás? — pergunta o Gabriek. — A pensar numa certa pessoa.

Abano a cabeça. Aponto para uma borboleta.

— Felix — diz o Gabriek, baixinho. — Combinámos não pensar nele.

Ele tem razão. Combinámos.

— Estou a tentar — respondo. — Mas é difícil.

— Eu sei — diz o Gabriek. — Mas ele nunca nos encontrará. Nunca. Muito menos no sítio para onde vamos.

— É isso mesmo — diz a Anya. — O Zliv não faz ideia da existência da quinta do Gabriek. Ninguém na cidade faz. Nem eu sabia antes de me terem contado, e vocês sabem como sou coscuvilheira.

— Portanto — diz-me o Gabriek —, chega de caras de enterro e de preocupações. Prometes?

Faço-lhe outro olhar daqueles. Ele é um amigo querido e bondoso, mas está a tratar-me como se eu tivesse 6 anos. O que não se deve fazer a alguém que tem 14 e que sabe quantas coisas há no mundo com as quais temos de nos preocupar.

— Vá lá, Felix — diz a Anya. — Todos temos de fazer um esforço. Se as borboletas o fazem, tu também o podes fazer.

Faço outro olhar à Anya. Adoro tê-la na nossa família. E estou-lhe muito agradecido por muitas coisas. Mas às vezes ela esquece-se de que só é dois anos mais velha do que eu. Bem, mas terá de parar de me tratar como um miúdo se por acaso as coisas não correrem bem e tiver de ser eu a fazer-lhe o parto.

Sinto-me a corar e desvio a cara.

Não devia pensar nestas coisas. Ainda não. Ainda nem sequer acabei de ler o livro dos bebés.

— Fizemos um acordo — diz o Gabriek. — Todos passámos demasiados anos a olhar por cima do ombro por causa de bandidos assassinos. Especialmente tu, Felix. Portanto, vimos para aqui para termos uma vida sem medo. Certo?

Aceno.

— Ótimo — conclui o Gabrieik.

Mas continuo ansioso.

Tenho tentado não o estar durante toda a viagem, mas não sou capaz.

Sabem quando vivemos numa cidade violenta, depois de uma guerra, e um bandido assassino chamado Gogol é morto e por isso nós pensamos que a vida agora vai ser mais segura e feliz mas depois ouvimos dizer que o irmão do Gogol, chamado Zliv, regressou da Croácia onde matava pessoas por dinheiro e culpa-nos a nós pela morte do irmão e começa a dizer a toda a gente que não vai descansar enquanto não nos arrancar o coração e por isso nós e o Gabrieik e a Anya partimos às escondidas para ir viver na quinta do Gabrieik mas durante a maior parte da viagem preocupamo-nos com que a quinta não seja suficientemente longe e além disso começamos a desejar não ter trocado os nossos livros médicos por um burro?

É o que está a acontecer-me.

— Estamos quase lá — diz o Gabrieik. — Falta menos de uma hora.

Dá um puxão nas rédeas.

Atrás de nós, o burro *Henk* acelera o passo. A carroça geme e guincha ainda mais do que nos últimos 19 dias.

Faço um esforço ainda maior para me concentrar nas coisas boas. Para não pensar no que toda a gente na cidade diz do Zliv. Que é um assassino ainda mais impiedoso

do que o irmão. Que, quando ele decide que temos de morrer, nunca desiste.

Nunca.

Tiro as rédeas ao Gabriek.

— É a minha vez — digo.

Dou-lhes outro puxão. Temos de chegar à quinta o mais depressa possível e começar a nossa nova vida pacífica.

O ano passado, antes de a guerra ter acabado, os nazis incendiaram a casa da quinta do Gabriek, por isso vamos ter muito trabalho para a reconstruir.

A parteira local provavelmente não virá ajudar a Anya no parto se não tivermos uma casa como deve ser com um teto como deve ser. E também uma cozinha com um fogão para o caso de a parteira, ao saber que o pai do bebé é um soldado russo já morto, ficar enojada e querer ir embora e nós tivermos de a convencer a ficar com chá e bolinhos.

O *Henk* não está a andar mais depressa. Assobio-lhe e puxo as rédeas com mais força.

Ele continua sem acelerar.

Vai mais devagar. Muito mais devagar.

E para.

Ficamos todos tensos. Sabemos o que isto significa.

Os burros têm um ouvido muito bom. O *Henk* ouviu sempre os camiões antes de nós.

— Escondam-se — murmura o Gabriek.

Agora já todos ouvimos o camião à distância. Já sabemos o que fazer. Depois de andarmos na estrada há tanto

tempo, aprendemos algumas coisas, incluindo que os camiões são por vezes conduzidos por bandidos perversos e por desertores criminosos.

Ou pior.

O Gabriek agarra nas rédeas do *Henk* e puxa a carroça para fora da estrada, para trás das árvores.

Eu salto para a carroça para ajudar a Anya.

— Desculpa aquilo de há bocado — diz ela. — Tens razão, há coisas com que temos de nos preocupar.

Olhamos um para o outro e depois ajudo-a a esconder-se debaixo de um cobertor.

Outra coisa que aprendemos na estrada é que muita gente tem uma ideia errada sobre as mulheres grávidas. Acham que as grávidas são fracas e fáceis de assaltar.

Essa gente não conhece a Anya.

Vindo de debaixo do cobertor, ouço um som familiar. A patilha de segurança de uma arma a ser destravada.

O Gabriek para a carroça atrás de uns arbustos. Salto para o chão e agacho-me ao lado dele. Espreitamos atrás dos arbustos para a estrada.

O camião parece mais próximo.

Por favor, digo silenciosamente. Que sejam só uns bandidos perversos ou uns criminosos desertores.

Ouço um zumbido alto. Uma libelinha enorme esvoaça ao pé da minha cara. Enxoto-a. Ela aterra no pescoço do *Henk*, num sítio onde o pelo é mais curto.

Apercebo-me do que acabei de fazer.

Não, imploro em silêncio. Não piques o Henk.

Ela pica.

O *Henk* zurra alto e desata aos saltos.

As rédeas fogem das mãos do Gabriek. Agarro-as quando passam por mim, o que me impulsiona para a frente, torcendo-me os óculos e arrastando-me pelo matagal. Sou picado por espinhos e chicoteado por trepadeiras. Mais valia ter deixado a libelinha picar-me.

— *Henk*. — Ouço uma voz a gritar. — Para.

Não é a voz do Gabriek, mas a da Anya.

Parece que abrandamos um pouco. Vejo um tronco de árvore meio turvo a aproximar-se de mim. Rolo para um lado e prendo as pernas em volta do tronco com força. Os meus braços e pernas esticam-se dolorosamente, mas não largo as rédeas.

Paramos.

— Muito bem, *Henk* — diz a Anya.

Olho para cima, estreitando os olhos.

A Anya está montada no *Henk*, com a barriga enorme encostada ao pescoço dele. Deve ter saltado para cima dele.

— Anya — exclamo. — Não devias...

O Gabriek puxa-me para o chão e passa-me os óculos para a mão.

— Depressa — diz. — Todos. Escondam-se.

Tarde demais. Ponho os óculos mesmo a tempo de ver o camião passar na estrada. Quando passa, abranda. Estamos totalmente à vista. As caras dentro da cabina veem-nos claramente.

— Que treta — murmura a Anya. — A minha arma está na carroça.

Ficamos paralisados.

Olho fixamente para as caras do camião. Um homem e uma mulher, ambos mais novos do que o Gabriel.

Tal como o Zliv.

O homem veste um uniforme militar. A mulher não. Ambos nos olham fixamente.

O camião abranda e detém-se.

— Não é ele — murmura o Gabriel, apertando-me o ombro.

Está a dizer-me para não fugir. Fugir faz-nos sempre parecer culpados. Os soldados atiram quando fugimos.

O homem e a mulher saem do camião.

Espreito em volta à procura de uma arma qualquer.

Não podemos ter a certeza de que não é o Zliv. Nunca o vimos. Qualquer pessoa pode roubar um camião do exército. E se uma mulher tiver muita fome, é bem capaz de viajar com um assassino impiedoso pelo tempo que ele quiser.

Lembro-me de outra história sobre o Zliv que ouvi. Sobre uma namorada que ele tinha na Croácia. Um dia, ela brincou com o facto de ele ser muito mais magro do que o irmão. O Zliv ficou furioso. E fê-la também muito mais magra. Com uma faca.

— Vou buscar a arma — murmura a Anya.

— Quieta — sibila o Gabriel.

A mulher vem na nossa direção. O homem vem atrás dela, apressando-se para a acompanhar.

Por um segundo, parece-me que a mulher está a tentar afastar-se dele. Depois, percebo o que ela está a fazer.

Olha-me diretamente. Com uma expressão estranha. Como se me reconhecesse. Como se me conhecesse.

O que é muito estranho, porque acho que nunca a vi antes. Seria uma das freiras do orfanato onde estive escondido há muito tempo? Ou uma das resistentes com quem vivi na floresta?

Não me parece.

A mulher já está bem perto.

De repente, para. A sua cara transforma-se com a desilusão. Faz uns movimentos de desculpa com as mãos, vira-se e apressa-se em sentido contrário, para o camião.

O homem hesita, olhando para nós.

Não é o Zliv. Um assassino impiedoso não teria uma expressão tão preocupada.

— Engano — diz ele. — Ela pensou... desculpem, o meu polaco é mau.

O seu uniforme parece meio inglês.

— Eu falo inglês — digo.

Isto é um pouco exagerado. Tenho andado a aprender, mas ainda não o utilizei em situações militares perigosas.

O homem olha para mim, surpreendido. Depois muda para o inglês, mas com um sotaque esquisito.

— A minha amiga fez confusão — diz ele. — Pensava que eras alguém de quem ela cuidou no hospital. Desculpem ter-vos assustado. Adeus.

Enquanto eu tento perceber o que aquelas palavras querem dizer, o homem vira-se e dirige-se para o caminhão. A mulher já está lá dentro. O homem entra e continuam o seu caminho.

Apercebo-me de que estou a tremer. Doem-me os músculos. Isto acontece quando nos mantemos prontos para fugir. Ou para lutar.

Olho para o Gabriek e para a Anya. Vejo que estão a sentir o mesmo.

— Tivemos sorte — diz o Gabriek.

— Eles é que tiveram — responde a Anya.

Tem a arma na mão.

Concordo com o Gabriek. Foi uma sorte. Desta vez não era o Zliv, mas podia ter sido. Mesmo com a arma da Anya, se ele tivesse conduzido a acelerar na nossa direção com uma metralhadora na janela...

O Gabriek está a olhar para mim.

Provavelmente percebe no que estou a pensar.

— Gabriek — digo. — Acho que temos de fazer um novo plano para a nossa vida futura.

Não sabia que ia dizer aquilo. Saiu-me. Mas, depois de o dizer, era o que eu queria.

— Um novo plano? — pergunta o Gabriek. — Que tipo de novo plano?

— O Zliv anda atrás é de mim — digo. — Por isso, será mais seguro se eu viver sozinho. Vou procurar um lugar aqui na região. Assim, se o Zliv me encontrar, pelo menos tu e a Anya não estarão lá.

Vejo que o Gabriek não gosta da ideia. E da forma como a Anya me fixa, também não.

Eu próprio não gosto muito dela.

Faz-me sentir agoniado.

Mas é o melhor a fazer.

— Podemos continuar a ver-nos — prossigo. — Podemos marcar encontros secretos na floresta. Várias vezes por semana, se quisermos.

A minha voz fraqueja, o que não é a melhor forma de convencer seja quem for acerca de um novo plano, desagradável mas necessário.

— Felix — murmura a Anya. — Para com isso.

O Gabriek só me olha.

Vejo que está muito comovido. E chateado.

Quando finalmente fala, a sua voz não fraqueja nada.

— És uma pessoa notável, Felix — diz ele. — Corajoso e generoso. Mas esqueces-te de algumas coisas. Foi a Anya que rebentou com o camião do Gogol e fui eu que o matei.

— Exatamente — concorda a Anya. — Por isso, o Zliv quer tanto apanhar-nos como a ti, Felix.

— Não, não quer — respondo. — Vocês ouviram o que as pessoas diziam na cidade. O Zliv culpa-me a mim pela morte do irmão. Grandes conversas e discussões sobre como, se eu não tivesse metido o nariz onde não era chamado, o Gogol ainda hoje estaria vivo.

O Gabriek fecha os olhos.

Quando ele o faz, exceto quando é para dormir, é porque ouviu alguma coisa com que discorda tanto que o

seu sistema cardiovascular e o seu trato digestivo começam a doer-lhe.

— É o melhor — balbucio.

O Gabriek abre os olhos e encara-me.

— Estamos juntos nisto — diz.

Quero contrapor.

Quero dizer-lhe que estarmos juntos nisto significa tentarmos manter-nos seguros uns aos outros. Protegermo-nos uns aos outros.

Mesmo que isso signifique não estarmos literalmente juntos.

Mas não digo nada. A expressão no rosto do Gabriek diz-me que seria uma perda de tempo.

O Gabriek dá-me outro apertão no ombro.

— Anda daí — diz. — Vamos para a quinta.

Talvez o Gabriek se tenha esquecido.

Talvez não se lembre de como, por vezes, temos de deixar alguém para o protegermos.

Foi o que os meus pais fizeram por mim.

Nunca os esquecerei. Mantenho a minha memória sempre bem exercitada aprendendo palavras novas e coisas novas. Tenho de fazê-lo todos os dias. A nossa memória pode não ser a melhor se tivermos passado por muitas explosões na infância e se tivermos tomado poucas vitaminas.

Mas hoje a minha memória está a funcionar bem, a julgar por tudo o que vou reconhecendo à nossa volta.

Já não via estas paisagens há mais de um ano e a última vez que as vi estavam cobertas de gelo e de nazis, pelo que eram um pouco diferentes.

Mas, ainda assim, reconheço-as.

O Gabriek também. Está tão entusiasmado com a ideia de rever a sua quinta que quase corre. A carroça

geme e guincha. As pernas do *Henk* mexem-se mais de pressa do que durante toda a nossa viagem.

As minhas também.

— Ei — grita a Anya, da carroça. — Vai com calma.

— Desculpa — diz o Gabriek.

Abranda o passo do *Henk*.

Não culpo a Anya por estar chateada. Se eu tivesse estado grávido todos os dias dos últimos sete meses e meio, também estaria de mau humor.

E ansioso.

A Anya é incrível. Não parece nada ansiosa acerca do Zliv ou de o bebé estar para chegar daqui a seis semanas. E sabe que vai ser uma tarefa dura, reconstruirmos a casa do Gabriek durante esse período de tempo. Contei-lhe que o lugar, da última vez que o vi, era só um monte de entulho.

Mas uma tarefa dura é bem-vinda. Mantém-nos ocupados. Impede-nos de nos preocuparmos com coisas com que não devemos preocupar-nos.

Para deixar de me preocupar agora, olho para a Anya.

Está enrolada no cobertor, dentro da carroça, a ler o livro dos bebés. Já está quase no fim, o que é bom.

É mesmo espantoso.

Porque me lembro exatamente de como é que ela reagiu da primeira vez que o viu.

— Estás louco — disse a Anya, quando lhe dei o livro dos bebés, há uns meses. — Está em inglês. Tens uma biblioteca

nazi inteira empilhada no teu quarto, deve haver lá um livro de bebés em polaco.

Abanei a cabeça.

— Os nazis não gostavam de livros polacos — explico. — E eu não gosto dos nazis. Especialmente de livros sobre bebés. Estão cheios de instruções desagradáveis sobre que bebés devem ou não viver.

A Anya não respondeu a isso.

— Tenho uma sugestão — disse o Gabriek. — Porque é que vocês os dois não aprendem inglês? Depois já percebiam todas as palavras.

Ficamos a olhar para ele.

— Aprender inglês? — repetiu a Anya.

— Tu já sabes qualquer coisa — disse o Gabriek à Anya. — De todos aqueles soldados ingleses e americanos a quem costumavas vender coisas. Tu também sabes algum, Felix. De quando tínhamos o nosso negócio de concertos e tratávamos das botas dos soldados.

A Anya fez um risinho trocista.

— Eu sei para aí dez palavras — disse ela.

— Depois de uma guerra — disse o Gabriek —, as pessoas espertas aprendem a língua do lado que ganhou.

Eu e a Anya ficamos a pensar naquilo.

Fazia sentido.

E agora aqui está a Anya, a ler alegremente, em cima da carroça, sem se atrapalhar com palavras difíceis em inglês como útero e placenta.

A Anya levanta os olhos do livro dos bebês e vê-me a olhar para ela.

Faz-me um sorriso.

Preferia que ela não o fizesse. Poderei ter de ser o seu médico daqui a umas semanas e aquilo que sinto quando ela me sorri não é o tipo de sentimento que um médico deva ter pela sua paciente.

Retribuo com um sorriso rápido e viro a cara. Está outra vez a arder. E não é só porque estou a andar mais depressa para me manter a par do Gabriek. Para me acalmar, limpo os óculos e perscruto a distância.

Mais lá à frente há uma colina coberta de árvores.

Uma colina muito familiar.

Devemos estar quase lá. Sinto-me a relaxar. Começo a sentir-me feliz e esperançoso em relação a todas as coisas boas que nos esperam no futuro.

É o que acontece quando a Anya me sorri.

Chegamos ao cimo da colina.

O Gabriek puxa o *Henk* e a carroça detém-se fora da estrada, no meio das árvores. Depois de prender o *Henk*, vai espreitar a outra encosta da colina.

Eu vou também. Reconheço aquela encosta. E a pequena estrada que a desce. E que leva a outra coisa que também reconheço.

O portão da quinta do Gabriek.

Olho, espantado.

Não era disto que estava à espera.

Olho para o Gabriek. Percebo que também não é o que ele esperava.

Eu pensava que haveria campos abandonados e no meio deles uma pilha de destroços do que antes fora a casa da quinta.

Mas os campos não estão abandonados. Têm abóboras e nabos a crescer neles.

E os destroços desapareceram. O terreno está limpo e liso.

Há homens nesse terreno, uma boa quantidade deles. Vejo o que andam a fazer.

A reconstruir a casa da quinta.

Sinto um formigueiro interior de excitação.

Espreito pelo meio das árvores para os grandes bocados de madeira que os homens levantam e martelam cuidadosamente para fazer os suportes do telhado.

Vizinhos solidários a ajudar à reconstrução das coisas depois da guerra.

Eu e o Gabriek fazíamos isso na cidade. Ajudávamos os nossos vizinhos a consertar os seus lugares. Muita gente o fazia. Ninguém pedia dinheiro. Só um pouco de banha de porco ou algumas lições de inglês.

— Gabriek — diz a Anya, descendo da carroça —, que estão aquelas pessoas a fazer na tua quinta?

A Anya não tem muita experiência de vizinhos amáveis. Antes de viver comigo e com o Gabriek, as pessoas que ela conhecia não eram nada amáveis. Incluindo o homem que a engravidou.

— Se tivermos sorte — responde o Gabriek, estreitando os olhos em direção à quinta —, aquele pessoal está a construir-me uma casa nova.

— Vamos lá saber — diz a Anya.

Agarra na pistola e solta a patilha de segurança.

O Gabriek põe-lhe a mão na arma.

— Tens de ficar aqui, Anya — diz ele. — Escondida. A proteger os nossos bens.

A Anya abre a boca para protestar.

O Gabriek faz-lhe aquele olhar.

Ela faz má cara, mas não discute. O Gabriek é o melhor amigo do mundo, mas é muito teimoso. Especialmente com a proteção. Portanto, não discutimos.

A Anya estende-me a arma.

É um gesto simpático, mas não vou precisar dela. E espero que, depois de me ver a mim e ao Gabriek descer a colina e ir cumprimentar os homens, ela comece a sentir que também pode encontrar-se com os vizinhos sem armas.

— Não, obrigado — digo-lhe. — É melhor parecermos amigáveis.

Viro-me para o Gabriek, que também deve estar tão entusiasmado com tudo isto quanto eu.

Mas ele não parece nada entusiasmado.

Está de olhar fixo nos homens distantes, de cara fechada.

Quando o Gabriek faz aquela cara, tem normalmente uma boa razão.

Apercebo-me, com uma sensação de mal-estar, do que deve ser. Algo que ambos sentimos muitas vezes. Algo que eu não devia esquecer.

Depois de uma guerra, coisas que às vezes parecem boas podem ser, na verdade, muito más.

Talvez ficarmos preocupados seja um hábito que se apanha. Talvez o Gabriek o tenha apanhado de mim.

Mas talvez ele esteja errado e aqueles homens lá em baixo sejam apenas vizinhos bem-intencionados.

Vamos já descobrir.

— Podemos abrandar um pouco? — pergunto ao Gabriek.

Está tão embrenhado nos seus pensamentos enquanto descemos a colina que nem repara que estou com dores. E que estou a coxear mais. O que pode acontecer quando usamos as nossas próprias pernas para travar um burro assustado.

— Desculpa — diz ele.

Abrandamos um pouco.

Quanto mais nos aproximamos da quinta, melhor me sinto. Em parte, por causa das memórias que vou tendo.

Passei dois dos anos mais felizes da minha vida nesta quinta.

Sim, a maior parte foi num buraco aberto no chão do celeiro, mas podemos ser muito felizes num buraco se tivermos alguém como o Gabriek a tomar conta de nós.

Também houve coisas tristes, muito tristes mesmo, mas se passarmos muito tempo sozinhos aprendemos a concentrar-nos nas coisas boas. Como a comida que o Gabriek me trazia. As histórias que contávamos um ao outro. As coisas muito úteis que ele me ensinou como parte da minha educação. A proteção que ele me deu.

Tive muita sorte.

O Gabriek olha de relance para o cimo da colina, onde a Anya está escondida entre as árvores.

— Vamos manter-nos calmos e amigáveis — diz ele.

Sei no que ele está a pensar. Se as coisas se complicarem, a Anya não vai conseguir controlar-se. Virá a correr para nos ajudar. E tenho quase a certeza de que o livro dos bebés desaconselharia fortemente a que uma pessoa na condição dela descesse uma colina a correr, de arma na mão.

— Ela é mesmo incrível, não é? — comenta o Gabriek.

— Com tudo o que tem passado.

Aceno.

Acho-a mesmo incrível.

O Gabriek olha para mim. Um bocadinho de mais. Sinto que começo a corar.

Mudo de assunto.

— Madeira muito bem cortada — digo.

Aponto para os homens que estão no terreno e para o excelente trabalho que estão a fazer. Madeira bem cortada, cuidadosamente posicionada e habilmente unida. São pessoas que sem dúvida têm orgulho no trabalho que fazem. Que querem contribuir para a sua comunidade.

O Gabriek diz sempre que para construir bem qualquer coisa temos de ter bom coração.

Voltamos a acelerar, o que não me incomoda. Estou ansioso por conhecer os nossos simpáticos vizinhos.

Vamos elogiar-lhes o trabalho e agradecer-lhes a generosidade. Vamos dizer-lhes que, quando a casa do Gabriek estiver pronta, também os ajudaremos a construir qualquer coisa que eles precisem. Escolas, hospitais, galinheiros. Somos construtores muito experientes.

E, claro, vou dizer-lhes que terei todo o gosto em partilhar a minha experiência médica com toda a comunidade.

— Vamos a isto — diz o Gabriek.

Os homens já nos viram.

Aceno-lhes quando atravessamos o portão. Eles não respondem ao aceno. Param de trabalhar e ficam de pé, com as mãos na cintura, a olhar-nos fixamente.

O que é normal, depois de uma guerra.

— E então? — diz o Gabriek, em voz alta. — Que surpresa, isto.

Aquilo não soou tão amigável como eu penso que ele queria.

— Uma boa surpresa — digo eu aos homens.

As expressões dos homens não se alteram. Continuam a fixar-nos de uma maneira desagradável.

— Pergunto cá para mim — diz o Gabriek aos homens, ainda em voz alta — como devo sentir-me com isto?

Os homens parecem não saber.

— Encantado? — continua o Gabriek. — Ou nem por isso?

Um dos homens, olhando de cima de uma trave do telhado, cospe para o chão, aos pés do Gabriek.

— Deves sentir-te assustado — diz o homem. — Aterrorizado. A molhar as calças.

O Gabriek olha para o homem durante largos momentos. Ouço o coração de alguém a bater muito alto e acho que é o meu.

— E porque deveria ter medo na minha própria quinta? — pergunta o Gabriek.

Alguns dos outros homens dão uns passos na nossa direção.

O Gabriek não se mexe e portanto eu também não.

— Porque agora já não é a tua quinta — diz o homem que está na trave.

Fico chocado.

Mas o Gabriek mantém-se calmo. Não diz nada.

— Não pensámos que fosses suficientemente estúpido para voltar cá, Borowski — diz outro dos homens. — Muito menos depois do que fizeste.

O Gabriek olha para o homem.

— E o que foi que fiz, senhor Placek? — pergunta ele, começando a parecer impaciente.

— Escondeste vermes — responde o homem. — Pondo em risco o concelho. Todas as nossas famílias.

Agora os homens estão a olhar para mim.

Sinto-me agoniado.

Quero gritar-lhes: *A guerra acabou. Os nazis foram derrotados. Porque fazem isto?*

Mas o Gabriek disse que tínhamos de ficar calmos e amigáveis. Acho que sei porquê.

Estes homens podem ter dificuldade, depois de seis anos de guerra, de se habituarem à ideia de que ela acabou. Especialmente se tiverem perdido algumas pessoas queridas.

Sei o que isso é.

Portanto, o melhor é sermos bastante amigáveis.

Abro a boca para dizer aos homens que eles são excelentes construtores e para lhes perguntar se têm algum hospital em que eu e o Gabriek possamos ajudar.

Mas, antes que eu possa fazê-lo, o Gabriek volta a falar:

— Escondi vermes? — pergunta. — Não sei do que estás a falar.

O homem que está no telhado estala os dedos.

Outro homem vai até um monte de lixo e vasculha entre pedaços velhos de madeira e tijolos desfeitos e latas de comida vazias e o que parece ser um par de ratos mortos.

Dirige-se a mim e ao Gabriek alisando vários bocados de papel amarrotados e queimados nas pontas.

Olho para eles, incrédulo.

Pensava que nunca mais os veria.

Os desenhos da Zelda. E uma história que eu escrevi sobre a proteção que encontrei nesta quinta. Deixei-os no meu buraco para que as pessoas os encontrassem depois de a guerra acabar. Para que soubessem. Mas, quando os nazis incendiaram completamente o celeiro, pensei que os meus testemunhos tivessem sido destruídos.

Os homens continuam a fixar-me.

Como se me odiassem.

Talvez odiar seja outro hábito que se apanha.

E difícil de abandonar, pelos vistos. Se os desenhos cômicos da minha amiga e a minha história de gratidão não comoveram estes homens, acho que nada o fará.

Volto a olhar para os papéis, com tristeza. O meu testemunho transformou-se num testemunho contra mim. Não sei se me hei de sentir bem por aquelas folhas terem sobrevivido ou não.

Sim, sinto-me.

Arranco-lhe as folhas da mão tão rapidamente que o homem que as tinha fica confuso. Mas só por um momento. Depois avança para mim.

O Gabriek avança para ele.

— Saíam da minha quinta — diz.

— Não nos ouviste — diz o homem no telhado. — Esta quinta já não é tua. Abdicaste dela quando deixaste esse verme judeu sujar este lugar.



Livros que te surpreendem pela história,
que te atraem pela imagem,
que te conquistam pela mensagem,
que se distinguem como estrelas brilhantes.

LIVROS QUE FICAM PARA SEMPRE CONTIGO



«Talvez fique tudo bem.

Talvez eu devesse parar de pensar nas coisas más
e concentrar-me nas coisas boas.»

Estamos em 1946 e Felix, um rapaz judeu de 14 anos, está de partida da Polónia para a Austrália, à procura de um sítio seguro onde possa recomeçar a sua vida.

A guerra terminou, mas a Polónia está em ruínas e não é um lugar onde ele e o seu amigo Gabriek se sintam a salvo. Com eles vive agora Anya, que está grávida e completamente dependente da proteção deles.

A viagem proporcionada pelo Governo da Austrália é bastante atribulada. A amizade e coragem dos três amigos é posta constantemente à prova e os conhecimentos de medicina que Felix foi adquirindo nos últimos anos vão ser cruciais.

Mas chegar a este país não vai ser o fim das dificuldades. Há um homem em busca de vingança que está disposto a persegui-los até ao fim dos seus dias. E Felix vai ter de enfrentar um inimigo mais perigoso do que os nazis.

**Felix é um herói que nos comove
pela sua esperança e bondade.
A sua história é tão emocionante
que não deixará ninguém indiferente.**



imagina descobre voa

20|20 editora

ISBN 978-989-564-214-4

13+



9 789895 642144

Literatura Juvenil